

ZOOM



Aqui, 100 anos depois já não encontramos mais nada

Lucio Tadeu Mota, professor do Departamento de História da UEM, sobre a qualidade do solo da região de Maringá, que favorece a decomposição de resíduos orgânicos e, consequentemente, dificulta a preservação de fragmentos arqueológicos

I REGIÃO

Pesquisas arqueológicas mostram passado 'agitado'

Laboratório da UEM guarda 500 peças que comprovam o alto **índice de ocupação da região** por caçadores-coletores e índios guaranis; **tipo de solo e falta de recursos** são obstáculos

Carla Guedes
carla@odiario.com

Os primeiros moradores chegaram há 8 mil anos, quando a região entre os rios Ivaí, Pirapó, Tibagi e Paranapanema foi ocupada por caçadores-coletores. Essa população vivia basicamente da caça, pesca e coleta de vegetais e fazia objetos em pedralascada.

Depois dos caçadores-coletores, vieram os guaranis-povo que confeccionava cerâmicas e iniciou a prática da agricultura na região. Pesquisas apontam que esses indígenas chegaram aqui há 2,5 mil anos.

Conhecer essa parte da História da região só foi possível graças à persistência de pesquisadores, especialmente os do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). As estantes do imóvel de madeira, aos fundos do bloco G34, guardam 500 peças que contam parte do passado do noroeste. São vasilhas, pontas de

flecha, cachimbos, machados e objetos em pedralascada usados pelas populações pré-históricas e indígenas. Outros 80 mil fragmentos de pedra e cerâmica que ocupam mais de cem caixas em outra estante esperam para ser organizados. "O que temos aqui mostra que a região foi muito habitada", diz o professor Lucio Tadeu Mota, do Departamento de História da UEM e pesquisador do laboratório. Registros dos padres jesuítas, datados de 1.600, apontam que a população de guaranis era de 200 mil indivíduos e ocupava a área entre os rios Tibagi e Paraná. "Para a época, era um número grande."

Segundo Mota, ainda há muito para ser descoberto, mas

a pesquisa esbarra na falta de dinheiro e de pessoal. "Para visitar um sítio (arqueológico) tem que ter carro, gastar com combustível e equipamentos. Depois tem que ter gente que se interesse por esse tipo de história." Os universitários gostam da área, mas geralmente se frustram depois que descobrem que a arqueologia nem sempre é uma aventura. "Chegam com a ideia de que a pesquisa arqueológica vai ser tipo 'Indiana Jones' e que ele vai sair a campo e descobrir um tesouro", brinca.

Uma das lacunas das pesquisas sobre o período pré-histórico do noroeste do Estado é sobre o destino da população de caçadores-coletores. Quando portugueses e espanhóis chegaram ao Bra-

sil, encontraram os guaranis no litoral e às margens do Rio Paraná, e os caingangues em pontos mais altos. Não há registros sobre o que aconteceu com os habitantes anteriores. Tadeu explica que entre as hipóteses está a "guaranização" da população. "Os guaranis chegaram, guerrearam, pegaram crianças e mulheres e mataram os homens." Outra teoria é que o isolamento os dizimou. "Ainda não temos resposta definitiva." Já as doenças trazidas pelos europeus, como sarampo, varíola e gripe, foram a causa do desaparecimento dos guaranis.

Respostas só podem ser obtidas quando - e se - forem encontrados ossos dos caçadores-coletores. Além da falta de recursos e pessoal, um problema atrapalha as pesquisas: o solo do noroeste acelera a decomposição dos resíduos orgânicos, diferente do da região de Ponta Grossa, onde ossos e palha duram mais tempo, por exemplo. "Aqui, 100 anos depois já não encontramos mais nada".

AVALIANDO

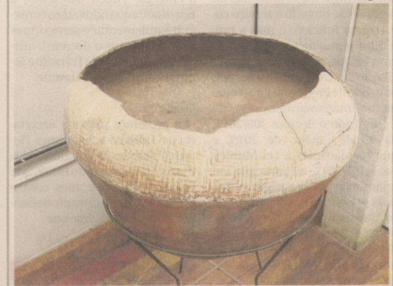
"O que temos aqui (no laboratório) mostra que a região foi muito habitada"

Lucio Tadeu Mota - Professor do Departamento de História da UEM

SAIBA MAIS

Utensílios recolhidos da região

Fotos: João Cláudio Fragoso



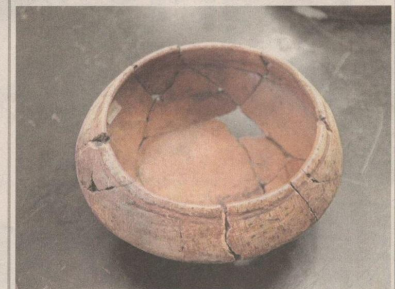
Cambuchi:

Vasilha grande usada para cozinhar ou guardar bebidas. Também era utilizada pelos guaranis para enterrar ossos de membros importantes da tribo.



Ponta de flecha:

Da tradição Umбу, população de caçadores-coletores que habitaram a região noroeste antes da dispersão da prática da agricultura.



Vasilha:

Fazia a vez dos copos e era usada para armazenar água ou preparar o caumi, uma bebida fermentada alcohólica.



O professor Lucio Mota mostra peças do laboratório de arqueologia; região chegou a ser ocupada por 200 mil índios guaranis

Mauá: acordo pelo patrimônio

Agência de Notícias do Paraná
redacao@odiario.com

Representantes do Ministério Público Federal (MPF), da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Paraná, do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), do Consórcio Energético Cruzeiro do Sul e das empresas consorciadas Copel e Eletrosul firmaram em 2012 um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para a preservação do patrimônio cultural arqueológico na Usina Hidrelétrica de Mauá, entre Telêmaco Borba e Ortigueira.

O acordo lista ações para a preservação dos bens culturais remanescentes na bacia do Rio Tibagi. O termo tem prazo de vigência de 5 anos, renováveis a cada 5 anos, por ocasião da renovação

da Licença Ambiental de Operação do empreendimento.

O TAC prevê a realização de pesquisas, ensino e extensão em Arqueologia por meio de parcerias com universidades do Estado, além de um programa de educação patrimonial para difusão de conhecimentos arqueológicos entre as populações da região. O programa também deve subsidiar a publicação de estudos sobre o patrimônio cultural arqueológico do local, inclusive nas línguas das comunidades indígenas.

O documento define ainda a criação de um museu de território com núcleos em Arapoti, Carambei, Castro, Imbatá, Jaguaçuva, Ortigueira, Palmeira, Pirai do Sul, Ponta Grossa, Reserva, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.



Sítio arqueológico na área da Usina Mauá; preservando a cultura local

Maringá tem um sítio

Em Maringá, há registro de um sítio arqueológico no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Os pesquisadores encontraram fragmentos de cerâmicas guaranis na zona norte. No Ribeirão Keçaba, próximo ao Rio Pirapó, foram descobertos pedaços de uma vasilha. O material foi encontrado a céu aberto, onde hoje há uma fazenda. Em outro ponto, próximo ao aeroporto, havia fragmento de cerâmica Jê, que identifica índios kaingang, mas a descoberta não é tida sítio arqueológico por

se tratar de só um vestígio.

O professor Lucio Tadeu Mota, do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), diz que a localização geográfica do município - no topo de um morro e afastado das margens de rios - não favorece assentamentos.

Na bacia do médio Rio Pirapó, o laboratório encontrou 44 sítios arqueológicos. O Iphan tem cerca de 19 mil sítios catalogados no Brasil, dos quais 1.289 no Paraná.